

SE A CASA É UM TÚNEL ESCURO QUE A LUZ NA SAÍDA SEJA A ESCOLA

*Se resta alguma esperança é porque
alguns se negaram a perdê-la.*

A imagem central de uma senhora já idosa abraçando fortemente um menino, coroada pela epígrafe, compõe o cartaz do filme cubano *Em uma escola de Havana* (*Conducta*, em espanhol), do cineasta cubano Ernesto Daranas. Palavras e imagem preparam-nos para assistir uma história de resistência e resiliência.

O filme foi indicado para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 2016 e para o Prêmio Goya. Ganhou o Festival de Cinema de Havana e foi recebido com entusiasmo nos festivais de Bogotá e Portland, EUA.

Essa exposição de um filme que mostra também pobreza e intolerância já fala do triunfo da persistência à feroz censura, constituída de resistência e resiliência, de atores e cineastas durante anos a fio e explicita mudanças na liberdade de expressão no país.

A história gira em torno de uma escola em um bairro pobre, Habana Vieja, cujos alunos são de lá ou de Serrano. As condições de vida das crianças e suas famílias, em habitações precárias, vivendo de subempregos legais ou não, são conhecidas de todos nós, latino-americanos. Poderia acontecer em Heliópolis, na Maré, nos mangues de Pernambuco. Ou em tantas Vilas Miséria espalhadas pelo nosso continente.

Mas a escola mostra, ainda que com muitos problemas, o cuidado maior que a educação mereceu do governo revolucionário em Cuba.

Entre os irrequietos meninos e as mais comportadas meninas, o foco é Chala. Onze anos, vive com Sonia, sua mãe, que é solteira, e faz uso prejudicial de álcool e outras drogas. Além disso, se prostitui e não consegue oferecer afeto, apoio, nem sequer suprir minimamente as necessidades físicas suas e do filho.

Chala aprisiona pombos com grande habilidade, caminhando pelo telhado dos velhos prédios, de onde enxerga as lindas construções de Havana, dolorosamente decadentes. Vende os pombos e dedica-se à outra atividade, esta ilegal: treina cães para as rinhas de briga organizadas por Ignácio, um homem que esporadicamente se relaciona sexualmente com sua mãe e talvez seja seu pai. No entanto, nem mesmo Sonia tem certeza se é dele o seu filho, que sofre com o duplo abandono. Com o dinheiro que ganha, Chala põe comida na mesa, não só compra como cozinha, e, às vezes, literalmente alimenta sua mãe na boca.

E na escola? Esse pequeno homem livre e esperto não cabe muito bem nas regras e deveres, mas, inteligente como é, acompanha sem problemas cognitivos o curso, em especial porque a professora Carmela, que está com a classe desde o primeiro ano, é adorada por ele e por toda a turma.

Carmela tem 70 anos e viveu a velha ditadura, a revolução esperançosa, os percalços do embargo americano, a retirada de subsídios da extinta União So-

HELENA M. CRUZ

*Psicóloga, terapeuta de
adultos, famílias e casais,
diretora e coordenadora do
Noos São Paulo*

viética e o correspondente empobrecimento e endurecimento autoritário do governo.

Não se curva a regras quando as julga prejudiciais às crianças e não perde a esperança no desenvolvimento delas apesar das imensas dificuldades que algumas passam.

Yenes é uma linda menina, o oposto de Chala, a melhor aluna da classe, que vive com seu pai na insegurança cotidiana de serem expulsos da cidade, pois ele mudou para Havana em busca de trabalho, sem anuência das autoridades que o perseguem. Yenes diariamente sabe que pode ser excluída da escola, pois, sem a permissão para morar na cidade, não pode ser matriculada e só vai às aulas porque Carmela batalhou por ela frente à diretoria. Como os opostos se atraem, Chala fica apaixonado por ela, que vacila entre se aproximar do encanto que ele provoca e afastar-se contrariada por suas ações que reprova.

Um dia Carmela cai na rua, vítima de um enfarte. Afastada por alguns meses da escola, é substituída por uma mocinha, competente e disposta a ter uma ótima classe, porém sem nenhuma experiência com a cultura local e os reflexos nas crianças. Entra em conflito com Chala e como a diretoria já tinha suas razões para não mantê-lo na escola, pois seu comportamento podia comprometer a avaliação da equipe docente que a qualquer momento poderia passar por uma inspeção de agentes governamentais, ele é enviado a um internato, uma espécie de Fundação Casa, denominada Escuela de Conducta.

Quando Carmela volta, fica indignada, pois sua filosofia de educação diz que uma criança precisa de dois lugares – casa e escola – e duas relações – afeto e firmeza. Em suas palavras: “O professor deve saber o que se passa com seus alunos lá fora, na rua. Se você não entender isto, não compreendeu nada.”

Ela exige a volta de Chala e é atendida muito a contragosto, apenas em respeito à longa carreira de sucessos com os “casos difíceis”. Quando um professor argumenta a favor da saída de Chala, ouve dela: “Você não era melhor do que ele, Carlos, e veja onde está agora.”

Resistência significa conseguir sobreviver a situações difíceis, mas conseguir reconstruir uma vida é mais do que isto e é aí que o conceito de resiliência psicológica ajuda a compreensão da vitória à adversidade que alguns conseguem mais do que outros.

O termo foi cunhado por Boris Cyrulnik (2005) a partir do conceito da física que se refere à capacidade de recuperação da forma inicial de materiais sujeitos a deformações. É portanto a capacidade de não sofrer deformações permanentes.

Resiliência psicológica seria mais complexa, e a migração do vocábulo para a psicologia passou por adaptações. Sistemas evolutivos não voltam “ao normal”. O conceito pretende descrever a possibilidade de que eventos estressantes e até trágicos em uma infância infeliz não determinem uma vida inteira de fracasso.

Cyrulnik teorizou a partir de sua própria experiência de judeu francês nascido em 1937, cujos pais foram deportados e mortos em campo de concentração. Passou um tempo escondido em uma sinagoga, foi ajudado por uma família cristã, mas viveu parte da infância sob o temor de ser aniquilado por uma sociedade – a França ocupada, que negava qualquer valor à sua condição de judeu.

Cyrulnik não denomina “tutores de resiliência pessoas em si, mas relações que fornecem à criança um vínculo de afeto e busca de sentido para as experiências traumáticas”. Gomes (2011, p. 90) descreve: “Quando uma criança vive na miséria

familiar e na violência social, mas não lhe faltam afeto e deslumbramento com sua cultura (rituais, mitos, histórias, música etc.), ela pode encontrar os dois elementos estruturantes dos processos de resiliência: vínculo e sentido.

Carmela acompanha a vida dos alunos, e quanto mais fragilidade houver, mais de perto ela segue e atua para que tenham garantias mínimas de estabilidade e pertencimento. Chala é o mais acompanhado: apoio, afeto e firmeza são o contraponto do abandono e da indiferença que ele vive no dia a dia com o que lhe resta de família.

A escola proporciona esporte coletivo para os meninos e balé para as meninas. Em um momento particularmente dramático, a morte de um colega de classe, Yenes, depois de muito chorar, levanta de sua carteira e coloca no quadro onde estão as mensagens e os desenhos significativos para a turma um santinho com a imagem de Nossa Senhora. Tal ato, proibido pelo governo ateu, é sustentado sem vacilar por Carmela, pois esta sabe que naquele momento, para aquela menina, aquela imagem significa o conforto que alivia a perda do amigo.

Mas, para a diretoria, ter Chala de volta e uma imagem religiosa na classe de Carmela passa dos limites e tem início uma campanha pela aposentadoria de Carmela. Em uma tensa reunião com o corpo docente, dividido entre os que apoiam a diretora e os que apoiam Carmela, esta avisa que não pedirá a aposentadoria, e sim que a diretoria a aposente. Dispensa a cerimônia de agradecimento por seus muitos anos de dedicação, e deixa a escola.

Em cenas comoventes, vemos Yenes retirar o santinho do quadro considerando que este seria um dos motivos do afastamento compulsório da querida mestra. Chala vai além. Arruma seus pertences em uma mochila e vai se internar voluntariamente, mas o mesmo professor que advogara sua internação fora convencido pelos argumentos ancorados em inúmeras experiências de Carmela. O filme termina com um encontro de Chala e Carmela, na rua, com um longo e apertado abraço.

Queridos leitores, resumi os pontos que considerei centrais, mas há mais dezenas de cenas, com outras histórias acontecendo ao mesmo tempo, que nos interrogam, comovem e convidam à reflexão. É assistir ou assistir.

Termino essa conversa com as palavras do diretor (apud Reis, 2015): “As inquietações que animam o filme *Conducta* vêm das experiências dos garotos que trabalham no filme, moradores, eles próprios, dos bairros de Habana Vieja e Serrano. Outras vêm de reminiscências autobiográficas como a minha loucura, quando menino, de nadar até a boia, na baía, defronte ao Malecón.” Experiências, travessuras e transgressões de qualquer criança. Seja no Bronx, no Capão Redondo, na Maré.

Em suma: é conveniente que o que se passa numa escola da capital cubana sirva de informação aos docentes, aos professores. O filme poderia ser apresentado em todos os sindicatos e órgãos de classe e seguido de debates e discussões, o que fará robustecer e atualizar a reflexão daqueles que conduzem as ações nas salas de aula das escolas públicas e privadas, confrontados como estão agora com a nova realidade ameaçadora da redução da maioria penal – criminosa forma de violação da infância e da adolescência.

REFERÊNCIAS

Cyrułnik, B. (2005). *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.

- Gomes, D. M.** (2011). Tutores de resiliência na família. In L. C. OSÓRIO; M. E. P. VALLE, *Manual de Terapia Familiar*, vol. II. (pp. 85-96) Porto Alegre: Artmed.
- Reis, L. M. A.** “Numa escola de Havana”, não à criança violentada. Recuperado em 01 dez, 2015, de <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/-Numa-escola-de-Havana-nao-a-infancia-violentada%0a/39/34428>.